

ROSEANI BORGES PEIXOTO

**DESAFIOS E POTENCIALIDADES DAS MULHERES DA ASSOCIAÇÃO
DOS AGRICULTORES FAMILIARES DE SANTO ANTÔNIO DOAMPARO
- MG (AFASA)**

**BOM SUCESSO - MG
2020**

ROSEANI BORGES PEIXOTO

**DESAFIOS E POTENCIALIDADES DAS MULHERES DA
ASSOCIAÇÃO DOS AGRICULTORES FAMILIARES DE SANTO
ANTÔNIO DOAMPARO
- MG (AFASA)**

Trabalho de Conclusão apresentado ao Câmpus Avançado de Bom Sucesso, do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Sudeste de Minas Gerais, como parte das exigências do curso de Tecnologia de Gestão Ambiental para a obtenção do título de Tecnólogo de Gestão Ambiental.

Orientadora: Prof. Dra. Danielle Pereira Baliza

BOM SUCESSO – MG

2020

Dados internacionais de catalogação na publicação (CIP)

Bibliotecária responsável Maria de Lourdes Cardoso CRB-6/3242

P379d Peixoto, Roseani Borges, 1991 -

Desafios e potencialidades das mulheres da Associação dos Agricultores e Familiares de Santo Antônio do Amparo – MG (AFASA) / Roseani Borges Peixoto. -- 2020.

28 f. : il. ; 30 cm.

Orientadora: Danielle Pereira Baliza

Monografia (Graduação) - Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais, Campus Avançado Bom Sucesso, Coordenadoria de Curso Superior de Tecnologia em Gestão Ambiental, 2020.

1. Trabalhadoras rurais – Santo Antônio do Amparo – MG. 2. Mulheres do campo. 3. Café – Cultivo. I. Baliza, Danielle Pereira. II. Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais, Campus Avançado Bom Sucesso. III. Título.

CDD: 305.4851



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO SUDESTE DE MINAS GERAIS

COMPROVANTE DE APROVAÇÃO DO PROJETO POR BANCA EXAMINADORA Nº 3 / 2020 - BSC-
CCGA (11.01.10.01.01.02.02)

N* do Protocolo: NÃO PROTOCOLADO

Juiz de Fora-MG, 04 de Dezembro de 2020

TERMO DE APROVAÇÃO

Roseani Borges Peixoto

DESAFIOS E POTENCIALIDADES DAS MULHERES DA ASSOCIAÇÃO DOS
AGRICULTORES FAMILIARES DE SANTO ANTÔNIO DO AMPARO - MG (AFASA)

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado e aprovado como requisito parcial para a obtenção do grau de Tecnólogo em Gestão Ambiental do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sudeste de Minas Gerais - Campus Avançado Bom Sucesso.

(Assinado digitalmente em 11/02/2021 16:46)

DANIELLE PEREIRA BALIZA
PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO
Matricula: 1953999

(Assinado digitalmente em 15/01/2021 17:47)

LARISSA CARVALHO SOARES AMARAL
PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO
Matricula: 1033178

(Assinada digitalmente em 15/01/2021 16:47)

TALITA LARA CARVALHO NASSUR
PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO
Matricula: 1246592

Para verificar a autenticidade deste documento entre em <https://sig.ifsudestemg.edu.br/documentos/> informando seu número: 3, ano: 2020, tipo: COMPROVANTE DE APROVAÇÃO DO PROJETO POR BANCA EXAMINADORA, data de emissão: 04/12/2020 e o código de verificação: a9cef8593a

Com gratidão dedico este trabalho a Deus, pois sem Ele seria impossível realizá-lo.

Especialmente a todas as mulheres cafeicultoras.

A toda minha família.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à professora Danielle Baliza pela sua orientação e incentivo, pelo seu grande empenho pela realização deste trabalho e sua amizade sincera.

Agradeço a todos os alunos que participaram da fase de entrevistas.

À minha mãe Auxiliadora, minhas irmãs Alana e Jaqueline, por me ensinarem a nunca desistir apesar das dificuldades.

Ao meu pai Joaquim, por sempre me incentivar nos estudos.

A todos do IF Sudeste MG - Câmpus Avançado Bom Sucesso, professores, aos colegas do curso de graduação, principalmente Flávia e Marcilene, por todo apoio ao longo do curso.

Agradeço a todos da AFASA, diretores, funcionários e associados (as). Ao CNPq, FAPEMIG e IF SUDESTE MG pelo apoio financeiro para a realização deste trabalho.

Enfim, agradeço a todas as mulheres guerreiras que fazem parte do meu círculo social, que me inspiram com sua luta pelo direito à igualdade de gênero.

“Os agricultores familiares são verdadeiros heróis da resistência.
São heróis da nossa mesa.
O projeto agricultor é, acima de tudo:
o amor pela terra,
o apego pela vida no campo,
o viver do e no rural.”

Ezequiel Redin

RESUMO

Este trabalho buscou analisar o perfil das cafeicultoras da Associação dos Agricultores Familiares de Santo Antônio do Amparo, MG (AFASA). Em virtude da participação das mulheres em diversos setores da cafeicultura e da pouca valorização e visibilidade do seu trabalho, tornou-se necessário conhecer o perfil da mulher envolvida com a cultura cafeeira. Após aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa, 24 cafeicultoras que participam da AFASA e produzem café foram selecionadas de acordo com critérios de inclusão pré-determinados. Essas mulheres responderam ao questionário estruturado, composto por questões como: dados pessoais, atuação na cadeia produtiva do café, relação trabalho/família, mulher na cafeicultura (realização profissional, desafios, dificuldades, entre outras). Após a aplicação dos questionários, os resultados foram tabulados e analisados estatisticamente. Constatou-se que a maioria das cafeicultoras (54%) não completaram o 9º ano do ensino fundamental e 63% delas nunca fizeram nenhum curso na área de atuação. O que demonstra a necessidade de ofertar para essas cafeicultoras mais oportunidades tanto de estudo formal quanto de cursos para realização das atividades agrícolas. Com relação à etnia, 79% das mulheres participantes dessa pesquisa se declararam ser parda ou negra. A maior parte das cafeicultoras (54%) declararam receber menos de um salário mínimo ou não possui renda mensal. Com relação ao futuro, 87% das mulheres afirmaram o desejo de continuar atuando no setor cafeeiro, pois sentem-se satisfeitas. O presente estudo possibilita a visualização do perfil das cafeicultoras que participam da AFASA, por meio do qual é possível visualizar suas potencialidades e carências. As informações apresentadas visam a provocar discussões e auxiliar no planejamento de ações e políticas públicas para melhoria da qualidade de vida dessas mulheres.

Palavras-chave: Cafeicultura. Mulheres Rurais. Inclusão.

ABSTRACT

This study aimed to analyze the profile of coffee growers of the Association of Family Farmers of Santo Antônio do Amparo, MG (AFASA). Due to the participation of women in various sectors of coffee and the low appreciation and visibility of their work, it became necessary to know the profile of the woman involved with coffee culture. After approval by the Research Ethics Committee, 24 coffee growers who participate in AFASA and produce coffee were selected according to predetermined inclusion criteria. These women answered the structured questionnaire, composed of questions such as: personal data, performance in the coffee production chain, work/family relationship, woman in coffee (professional achievement, challenges, difficulties, among others). After the questionnaires were applied, the results were tabulated and statistically analyzed. It was found that the majority of coffee growers (54%) did not complete the 9th year of elementary school and 63% of them never took any course in the area of activity. This demonstrates the need to offer these coffee growers more opportunities for both formal study and courses to carry out agricultural activities. Regarding ethnicity, 79% of the women participating in this research declared themselves to be brown or black. Most coffee growers (54%) declared to receive less than one minimum wage or have no monthly income. Regarding the future, 87% of the women affirmed the desire to continue working in the coffee sector, because they feel satisfied. The present study allows the visualization of the profile of coffee growers who participate in AFASA, through which it is possible to visualize their potentialities and needs. The information presented aims to provoke discussions and assist in the planning of actions and public policies to improve the quality of life of these women.

Keywords: Coffee growing. Rural Women. Inclusion.

LISTA DE FIGURAS

| | | |
|------------------|---|----|
| Figura 1 | Idade das cafeicultoras..... | 16 |
| Figura 2 | Escolaridade das cafeicultoras..... | 17 |
| Figura 3 | Etnia das cafeicultoras..... | 17 |
| Figura 4 | Renda mensal das cafeicultoras..... | 18 |
| Figura 5 | Núcleo familiar das cafeicultoras..... | 19 |
| Figura 6 | Quantidade de moradores na casa..... | 19 |
| Figura 7 | Quantidade de filhos das cafeicultoras..... | 19 |
| Figura 8 | Cursos realizados pelas cafeicultoras..... | 20 |
| Figura 9 | Tempo de atuação das cafeicultoras na área..... | 20 |
| Figura 10 | Escolha da área de atuação..... | 21 |
| Figura 11 | Forma de aquisição da propriedade rural..... | 22 |
| Figura 12 | Possui cartão de produtora rural..... | 23 |
| Figura 13 | Cafeicultoras que moram na propriedade..... | 23 |
| Figura 14 | Diversificação da produção agrícola..... | 24 |
| Figura 15 | Recursos financeiros que custeiam a produção..... | 24 |
| Figura 16 | Qualidade de vida das cafeicultoras..... | 25 |

SUMÁRIO

| | | |
|------------|-------------------------------------|-----------|
| 1 | INTRODUÇÃO..... | 12 |
| 2 | MATERIAIS E MÉTODOS..... | 14 |
| 3 | RESULTADOS E DISCUSSÕES..... | 16 |
| 3.1 | Perfil das agricultoras..... | 16 |
| 4 | CONCLUSÃO..... | 26 |
| | REFERÊNCIAS..... | 27 |

1 INTRODUÇÃO

O Brasil é o maior produtor mundial de café. Na safra 2019/2020, o país deverá produzir entre 57 a 62 milhões de sacas beneficiadas, em uma área de 1.885,5 mil hectares. Minas Gerais é o estado onde se concentra a maior produção brasileira, com previsão de 30 a 32 milhões de sacas beneficiadas para este ano (CONAB, 2020). Em Santo Antônio do Amparo – MG, a produção de café destaca-se como a principal atividade do município (IBGE, 2017). Esses dados evidenciam a importância do café para a balança comercial brasileira, para o estado mineiro e para o município de Santo Antônio do Amparo.

“O sistema agroindustrial do café no Brasil envolve tanto o trabalho de homens quanto o de mulheres. Nesse contexto, não se pode desconsiderar ou subestimar a atuação das mulheres na cafeicultura brasileira” (BALIZA, 2018, p.116; BALIZA, 2017, p.76).

Ao longo da história, as mulheres têm sido fundamentais, tanto na formação da lavoura, na colheita, na pós-colheita, quanto na pesquisa, na gestão, entre outros setores do sistema agroindustrial do café no Brasil. Nos últimos anos, verifica-se que as mulheres estão ganhando espaço e visibilidade como agrônomas, administradoras, proprietárias, trabalhadoras rurais, meeiras e arrendatárias, entre outras funções (FERREIRA, 2018, p. 22).

No entanto, em muitos casos, as mulheres atuam de forma relevante nos diversos setores ligados à atividade rural, mas não têm reconhecido o valor de seu trabalho, realidade que pode ser comprovada pelo artigo escrito por Cunha (2006, p. 25), no qual a autora descreve o trabalho realizado pelas mulheres rurais ontem e hoje. De acordo com a autora, as mulheres nas comunidades faziam de tudo. Elas começavam o dia buscando água da cacimba. Em casa, tinham que fazer café e cuscuz para o companheiro levar para a roça, socar o arroz para o almoço e o jantar, serem enfermeiras quando o filho ficava doente, ajudar as vizinhas quando ganhavam neném, ensinar os filhos a rezar, ir para os terços e novenas. Ainda, tinham que levar a comida para a roça e ficar lá quebrando coco babaçu para ajudar nas despesas da casa. Mesmo diante de tantas tarefas, quando chegava um pesquisador as mulheres diziam que não faziam nada. E assim foi ficando mais difícil o reconhecimento da profissão. No cartório, nem perguntavam às mulheres sua profissão, e assim todas as mulheres eram consideradas do lar ou domésticas. Diante disso, é notório que muitas mulheres ainda não reconhecem a relevância do trabalho que desempenham, mantendo-se ancoradas em alguma figura masculina, o que dificulta para que sejam vistas, ouvidas e respeitadas como parte interessada e fundamental para o futuro e a sustentabilidade da cafeicultura (MENEZES, 2015).

Em muitos casos, verifica-se também a invisibilidade do trabalho realizado pelas mulheres, isto

é, as mulheres estão presentes nos trabalhos produtivos dos empreendimentos rurais, mas ainda carregam o peso de serem concebidas nessa esfera apenas como ajudantes do trabalhador masculino (SCOTT; CORDEIRO; MENEZES, 2012, p. 590).

Isso se mostra relevante no contexto desta pesquisa porque, embora a mulher tenha uma participação ativa e contínua nas atividades agrícolas familiares, ela ainda é, muitas vezes, considerada apenas uma “ajudante”, alguém que está ali apenas para oferecer auxílio e, dessa forma, seu trabalho não é reconhecido e, pior ainda, ela não recebe remuneração nenhuma pelo mesmo (BALIZA, 2017, p. 76).

Este fato pode ser observado no estudo realizado em Rondônia por Macedo e Binsztok (2007, p. 42), onde os autores verificaram que o trabalho feminino na cafeicultura do estado não apresenta grande visibilidade, pois a mulher possui menos liberdade que o homem, que atua como provedor e administrador, não precisando permanecer em casa para cuidar de crianças e das demais tarefas domésticas. A mulher trabalha com o homem nas atividades agrícolas, além das atividades suplementares, como a ordenha, a caça e a pesca, porém o seu trabalho é considerado apenas como uma forma de ajuda e não como um trabalho em si.

Em virtude da participação das mulheres em vários setores da cadeia produtiva do café e da pouca valorização e visibilidade do seu trabalho, tornou-se necessário conhecer o perfil da mulher envolvida com a cultura cafeeira. Ademais, é necessário realizar estudos que levem em consideração as diversidades regionais, pois a falta de estudos regionais juntamente com a falta de dados oficiais sobre a situação e atuação das mulheres na cafeicultura são alguns dos fatores que dificultam o trabalho da Aliança Internacional das Mulheres do Café - IWCA-Brasil e demais entidades envolvidas nesse processo, as quais lutam pela equidade de gênero na cafeicultura brasileira. Dentro deste contexto, o presente estudo propõe analisar o perfil das cafeicultoras da Associação dos Agricultores Familiares de Santo Antônio do Amparo - MG (AFASA), além de dar visibilidade e conscientizar as pessoas sobre a importância da mulher para cadeia produtiva do café, com o intuito de alcançar maior sustentabilidade do setor cafeeiro.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

O estudo foi realizado com cafeicultoras ligadas à Associação dos Agricultores Familiares de Santo Antônio do Amparo (AFASA). A AFASA foi fundada em 2008, com sede na cidade de Santo Antônio do Amparo, localizada no Oeste do estado de Minas Gerais. O município conta com 488, 885 km² de área total, população em torno de 18.000 mil habitantes e altitude média de 1.000 metros ao nível do mar (IBGE, 2010).

A AFASA tem como característica dos associados o uso preponderante de mão de obra familiar no manejo dos cafezais. Na cafeicultura familiar, a maioria dos (as) cafeicultores (as) tem a posse da terra contando ainda com cerca de 30% de arrendatários no seu quadro social. Na média, as propriedades possuem 20 ha de área total e 3,5 ha de café (PEREIRA, 2013, p. 48).

Após aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa, deu-se início à coleta dos dados. Nesta pesquisa, esse processo foi baseado na aplicação de um questionário estruturado, para o qual foram selecionadas 24 mulheres que participam da AFASA e produzem café. Dessa forma, só fizeram parte deste estudo as mulheres que produzem café e são associadas à AFASA e aquelas não associadas, mas que são esposas e filhas dos associados e estão envolvidas com a produção de café.

A seleção das entrevistadas se deu por meio de indicações da AFASA e da EMATER, empresas que conhecem bem todos (as) os (as) associados (as) e cada uma das respectivas propriedades cafeeiras. Após a identificação das participantes, foi realizado o contato com elas por meio de ligações, nas quais lhes foi explicado resumidamente o motivo e o objetivo da pesquisa, e, em caso de aceite, a entrevista foi agendada e realizada de acordo com a disponibilidade da entrevistada. Antes do início da aplicação dos questionários, houve um momento para esclarecer de forma mais detalhada como iria ser realizada a pesquisa, bem como a importância do referido estudo para a cadeia produtiva do café. Além disso, assumiu-se o compromisso de esclarecer as dúvidas que poderiam surgir durante a entrevista.

Houve também o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), no qual as entrevistadas assinaram, aceitando participar voluntariamente desta pesquisa, sem nenhum custo, livre de qualquer forma de remuneração e sem identificação em nenhuma publicação que resultasse deste estudo. Portanto, os riscos associados à participação destas mulheres no presente trabalho foram mínimos, pois as chances de o diagnóstico gerado nesta pesquisa substanciar especulações na AFASA e nas propriedades rurais, e conseqüentemente, interferir no trabalho executado por elas no seu ambiente de trabalho, foi praticamente nulo, já que foi guardado todo sigilo quanto à identificação de cada uma das participantes.

O roteiro de entrevista serviu como um guia da conversa, sendo composto por questões comuns a todas as entrevistadas, como dados pessoais, relação trabalho/família e mulher na cafeicultura (realização profissional, visibilidade, desafios, dificuldades, perspectivas, entre outras questões). O material foi elaborado tendo como base os questionários de Meira (2013) e Baliza (2017).

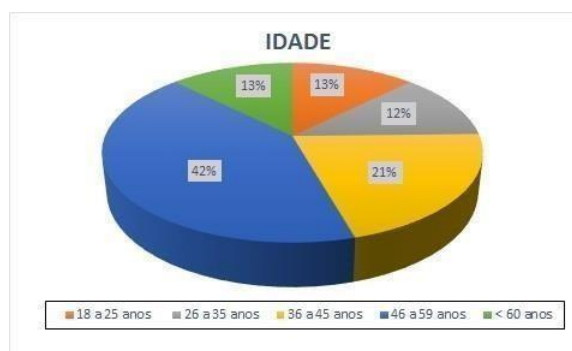
Os dados levantados pela pesquisa foram tabulados e organizados. Após sua sistematização, os dados foram analisados por meio do software estatístico SPSS (Statistical Package for the Social Scien), que tem sido utilizado no meio acadêmico-científico e empresarial como ferramenta para o procedimento de análises (HAIR JUNIOR, 1995).

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

3.1 Perfil das agricultoras

A maioria das cafeicultoras (42%) afirmaram possuir entre 46 e 59 anos, e são seguidas por mulheres com idade entre 36 a 45 anos (21%); 13% encontram-se na faixa etária de 60 anos ou mais e também esse mesmo percentual na faixa etária de 18 a 25 anos, enquanto 12% possui entre 26 a 35 anos (Figura 1). Em um estudo sobre a dinâmica das relações de gênero na cafeicultura, com ênfase no setor produtivo, realizado no município de Bom Sucesso – MG, os autores entrevistaram 28 mulheres e verificaram que a maioria das cafeicultoras apresentam idade entre 46 a 59 anos (BALIZA, 2017, p.79), o que corrobora os achados do presente estudo. No caso da presente pesquisa, também vale destacar que 76% das entrevistadas apresentam idade maior que 35 anos, o que demonstra maturidade das mulheres que participam da AFASA.

Figura 1. Idade das cafeicultoras.



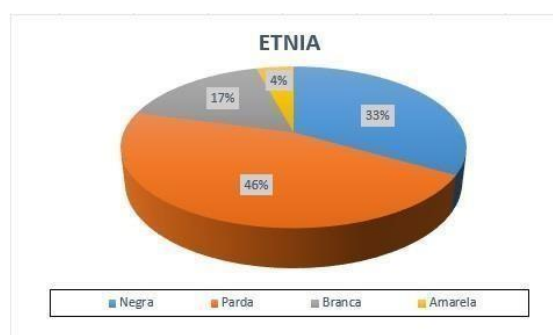
Fonte: Elaborado pelos autores, 2020.

Dentre as 24 cafeicultoras entrevistadas no presente estudo, 50% afirmaram possuir o ensino fundamental incompleto, ou seja, não completaram o 9º ano, enquanto 4% das mulheres não são alfabetizadas (Figura 2). Um resultado similar também foi observado em um estudo realizado sobre a dinâmica das relações de gênero na cafeicultura, em que foram entrevistadas 25 mulheres no município da Barra do Choça na Bahia e verificou-se que a maioria das entrevistadas (52%) possuíam o ensino fundamental incompleto (MEIRA, 2013, p. 64). De maneira geral, nota-se que as cafeicultoras da AFASA possuem baixa escolaridade e necessitam de mais oportunidades de estudo - nenhuma das entrevistadas possui o ensino superior completo.

Figura 2. Escolaridade das cafeicultoras.

Fonte: Elaborado pelos autores, 2020.

A maioria das entrevistadas se declararam pardas (46%), enquanto 33% se alto-denominaram negras. Apenas 17% das cafeicultoras se declararam brancas, e, por fim, somente 4% se consideraram asiáticas (Figura 3). Observa-se que o somatório das mulheres pardas e negras chega a 79%. No trabalho realizado no município de Bom Sucesso - MG, com cafeicultoras associadas e outras não associadas à cooperativa, os autores verificaram que a maioria das cafeicultoras não cooperadas se alto-denominaram pardas (57%), diferentemente das cafeicultoras associadas à cooperativa, em que a maioria se declarou branca (71%) (BALIZA, 2017, p. 80).

Figura 3. Etnia das cafeicultoras.

Fonte: Elaborado pelos autores, 2020.

Os dados encontrados no presente estudo reforçam os resultados obtidos sobre o perfil das mulheres na cafeicultura das regiões Oeste de Minas e Campo das Vertentes, em que foi constatado que as mulheres pertencentes aos perfis com os maiores rendimentos (professoras, pesquisadoras, seguidas das cafeicultoras) são em sua maioria brancas, enquanto aquelas com menor rendimento (trabalhadoras assalariadas) são representadas, principalmente, por pardas (43,5%) e negras (33,7%) (BALIZA, 2018, p. 125). Esse fato pode ser observado no presente estudo, onde a renda das

entrevistadas é baixa, ou seja, mais da metade das mulheres (54%) afirmaram receber menos 1 salário mínimo ou não possuem renda mensal (Figura 4) e o percentual das mulheres pardas e negras chega a 79%. Se na distribuição dos rendimentos dos trabalhadores e das trabalhadoras brasileiras considerarmos a influência da raça/cor, poderá se perceber, em primeiro lugar, a situação desfavorável dos trabalhadores da raça negra no mercado de trabalho e, em segundo, a posição duplamente desfavorável das mulheres negras. Em um contínuo decrescente de rendimentos, os homens brancos vêm em primeiro lugar, seguidos das mulheres brancas, dos homens negros e, finalmente, das mulheres negras (BRUSCHINI; LOMBARDI, 2001/02, p. 182).

Figura 4. Renda mensal das cafeicultoras.



Fonte: Elaborado pelos autores, 2020.

Com relação à composição do núcleo familiar, verifica-se um maior percentual (83%) de famílias nucleares, ou seja, famílias constituídas pelo casal e seus filhos. Outras 13% declararam que possuem famílias grandes (família nuclear acrescida de outros integrantes, como avós, primos e tios) e 4% declararam que são viúvas (Figura 5). A maioria das cafeicultoras (63%) relataram que em suas casas residem entre 4 a 6 pessoas (Figura 6), ou seja, a maior parte das mulheres (80%) possuem entre 2 a 4 filhos (Figura 7). Situação semelhante foi verificada no estudo que entrevistou 13 mulheres líderes do movimento agroecológico brasileiro e constatou que 69% das entrevistadas havia tido entre 1 e 6 filhos (SILIPRANDI, 2015).

Figura 5. Núcleo familiar das cafeicultoras.



Fonte: Elaborado pelos autores, 2020.

Figura 6. Quantidade de moradores na casa.



Fonte: Elaborado pelos autores, 2020.

Figura 7. Quantidade de filhos das cafeicultoras.



Fonte: Elaborado pelos autores, 2020.

No que diz respeito à caracterização das mulheres quanto ao “Conhecimento específico da atividade cafeeira”, ou seja, uma estimativa de quantos cursos elas realizaram na área desde que entraram na atividade, a maioria das cafeicultoras (63%) nunca realizou nenhum curso ligado à cafeicultura e/ou a atividades agrícolas, enquanto 25% realizou entre 1 e 2 cursos e apenas 13% realizou de 3 a 4 cursos (Figura 8). A maior parte das entrevistadas (67%) atua na área há mais de 8 anos (Figura 9), contudo, essas mulheres ainda não realizaram cursos ligados à sua área de atuação. Observa-se também que 54% dessas mulheres possuem o ensino fundamental incompleto ou não são alfabetizadas, ou seja, não completaram o 9º ano, conforme foi disposto na Figura 2. Diante dessas constatações, verifica-se que as cafeicultoras participantes da AFASA necessitam de maiores oportunidades de estudo. O investimento em formação e capacitação das mulheres rurais para os trabalhos agrícolas pode ser tão importante e urgente quanto os ensinamentos que são regulados pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação (ensino fundamental, médio e superior), já que aquele aprendizado poderia contribuir para diversificar as opções de trabalho das mulheres, elevar sua renda pessoal e fortalecer sua posição pessoal (TEIXEIRA, 1994).

Figura 8. Cursos realizados pelas cafeicultoras.



Fonte: Elaborado pelos autores, 2020.

Figura 9. Tempo de atuação das cafeicultoras na área



Fonte: Elaborado pelos autores, 2020.

A maioria das mulheres respondentes escolheram a cafeicultura por influência dos pais, familiares ou marido (50%). Outras 29% entraram na área por interesse próprio, enquanto 17% iniciaram suas atividades no setor cafeeiro por oportunidades (Figura 10). Ao perguntar às cafeeicultoras, no município de Bom Sucesso - MG, por qual motivo elas iniciaram as atividades na lavoura cafeeiras, os autores verificaram que 86% e 72% das cafeeicultoras não cooperadas e cooperadas à cooperativa, respectivamente, atuam na área por influência dos pais e familiares (BALIZA, 2017, p. 80), resultado semelhante ao encontrado no presente estudo.

Em relação à pesquisa das narrativas das mulheres atuantes no sistema agroindustrial do café no Cerrado Mineiro, foi constatado que algumas mulheres começaram a exercer as atividades na cafeicultura por influência familiar. Por outro lado, outras entrevistadas não foram influenciadas por nenhum familiar ou outra pessoa próxima, passando a exercer suas atividades na cafeicultura por interesse próprio, movidas por fascínio pela atividade ou por considerar esse setor economicamente favorável (MENEZES; BOAVENTURA, 2018, p.107). Esses fatos corroboram com a pesquisa “Para além do gênero: mulheres e homens em engenharias e licenciaturas”, que apontou diferentes fatores influenciadores na escolha da profissão, com destaque para vontade/decisão própria, influência familiar e boa remuneração (CASAGRANDE; SOUZA, 2016, p. 846).

Figura 10. Escolha da área de atuação.



Fonte: Elaborado pelos autores, 2020.

A maior parte das cafeeicultoras declararam que compraram a propriedade rural (38%), outras 21% são arrendatárias e esse mesmo percentual (21%) de entrevistadas afirmou que as terras são do seu esposo/companheiro. 8% das mulheres são meeiras e outras 8% declararam que a propriedade rural é dos seus pais. Apenas 4% das cafeeicultoras recebeu a propriedade de herança (FIGURA 11). Esse resultado difere do encontrado para as cafeeicultoras no município de Bom Sucesso – MG, no qual foi constatado que 50% das cafeeicultoras recebeu a propriedade rural como herança. Dessas,

15% receberam uma parte da terra de herança e compraram outra gleba, aumentando a área originalmente herdada (BALIZA, 2018, p.130). Em estudo realizado no Estado do Espírito Santo, foram entrevistadas 154 cafeicultoras e verificou-se que a maior parte das respondentes (87%) detêm a propriedade das terras onde desenvolvem suas atividades laborativas (NADER, 2018, p.160). Portanto, poucas são as mulheres entrevistadas que produzem café e que não possuem terras. Fato que é comum tanto no presente estudo quanto no estudo realizado por Baliza (2018).

Figura 11. Forma de aquisição da propriedade rural.



Fonte: Elaborado pelos autores, 2020.

Quando as cafeicultoras foram questionadas se possuíam ou não o cartão de produtora rural, notou-se que 75% das respondentes afirmaram possuir o cartão, o que corrobora com a sua autonomia e reconhecimento como produtoras rurais (FIGURA 12). No entanto, ressalta-se que, apenas na Constituição de 1988 (BRASIL, 1988), a mulher rural recebeu o estatuto de “produtora rural”, o que lhe possibilitou acesso aos direitos trabalhistas. A partir de então, houve um forte esforço para a sindicalização e documentação das mulheres no campo, pois muitas não tinham nem mesmo carteiras de identidade. Os nomes delas (especialmente enquanto esposas) passaram a constar no Bloco do Produtor, documento onde são registradas as transações comerciais da propriedade agrícola, para que elas, provando serem produtoras rurais, tivessem acesso aos direitos trabalhistas como aposentadoria, licença-maternidade e auxílio-doença (FONTENELE, 2018, p. 38).

Figura 12. Possui cartão de produtora rural.

Fonte: Elaborado pelos autores, 2020.

A maioria das mulheres entrevistadas não mora na propriedade rural (88%) (FIGURA 13). Na análise do perfil das mulheres atuantes na cafeicultura do Campo das Vertentes, foram entrevistadas 92 mulheres que trabalham na colheita do café e constatou que nenhuma delas reside na propriedade, ou seja, todas residem na cidade (BALIZA, 2018, p. 126). O perfil das mulheres entrevistadas reflete, em grande parte, o perfil das mulheres da região, produtoras de café e/ou apanhadeiras de café no período de safra, o que pode ser verificado no estudo realizado com mulheres atuantes na cafeicultura de Catolés de Cima – BA, onde as autoras observaram que algumas mulheres, além de produzirem café em suas propriedades rurais, também trabalham como safristas durante a colheita do café (AMORIM, 2018, p. 228). Esse fato é comum em várias regiões e também foi verificado no presente estudo.

Figura 13. Cafeicultoras que moram na propriedade.

Fonte: Elaborado pelos autores, 2020.

Com relação à produção anual de café, verificou-se que 46% das cafeicultoras produziram entre 51 a 100 sacas de café beneficiado, enquanto 21% das entrevistadas afirmaram produzir até 50 sacas. Os outros 33% são de cafeicultoras que produzem mais de 200 sacas de café. Em um estudo realizado com 31 cafeicultores associados à AFASA, verificou-se que a produção anual de café por propriedade

rural ficou dividida, apresentando as maiores médias entre 51 a 100 sacas (32,3%) e até 50 sacas (32,3%) (ROSA, 2014, p. 43), o que corrobora em parte com os resultados encontrados no presente estudo.

A diversificação da exploração agrícola na propriedade rural é considerada uma boa prática agrícola (ROSA, 2014), além de ser extremamente importante para o aumento de renda das pequenas cafeicultoras. Nesse contexto, de acordo com os dados desta pesquisa, identifica-se que 62% das respondentes diversifica sua produção com espécies leguminosas, gramíneas, entre outras, o que colabora com o aumento da renda dessas mulheres (Figura 14). Esta realidade talvez ajude a explicar o fato de 92% das cafeicultoras custearem sua produção com recursos próprios e apenas 8% realizarem financiamentos. Com a diversificação, existe a possibilidade de subsidiar as despesas e, também, de aumentar a renda mensal da família (Figura 15).

Figura 14. Diversificação da produção agrícola.



Fonte: Elaborado pelos autores, 2020.

Figura 15. Recursos financeiros que custeiam a produção.



Fonte: Elaborado pelos autores, 2020.

No que diz respeito à satisfação quanto à qualidade de vida, 67% das cafeicultoras declararam estar satisfeitas, 21% estão muito satisfeitas, enquanto 12% estão pouco satisfeitas (Figura 16). Isto sugere que, apesar das condições adversas as quais essas mulheres encontram (renda e escolaridade baixa), elas não desanimam e continuam realizando suas atividades com satisfação

dentro do sistema agroindustrial do café. Resultado semelhante foi observado em um estudo realizado no município da Barra do Choça – Bahia, em que os autores constataram a satisfação das mulheres que trabalham com a cafeicultura. De acordo com os autores desse estudo, as mulheres que trabalham com a cafeicultura possuem autoestima elevada, pois estão satisfeitas com sua vida, que inclui o trabalho com o café, a família, ter seu próprio dinheiro para comprar o que desejam ou investir em algo novo (MEIRA, 2013, p. 38). Elas querem recompensas não apenas financeiras, mas também “intrínsecas”, tais como satisfação, bem-estar e sensação de colaborar com algo importante (DAMASCENO, 2010, p. 37).

Figura 16. Qualidade de vida das cafeicultoras.



Fonte: Elaborado pelos autores, 2020.

4 CONCLUSÃO

Esta pesquisa revela que as mulheres produtoras de café da AFASA necessitam de mais oportunidades de estudo, incluindo as capacitações para os trabalhos agrícolas (gestão, orçamento, planejamento das atividades cafeeiras, entre outras capacitações), como aquelas voltadas para o ensino regulamentado pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação (ensino fundamental, médio e superior). Deve-se também criar meios para que ocorra o aumento da renda dessas mulheres. Sugere-se ainda que mais estudos possam ser realizados, abrindo outras possibilidades de pesquisa em direção a uma investigação mais aprofundada sobre a realidade das mulheres que lidam com a cafeicultura, sobretudo aquelas mulheres ligadas às associações familiares como é o caso da AFASA. Isso permitirá sugerir possíveis ações e políticas públicas que possam fomentar uma maior integração visando uma sociedade mais justa e sustentável.

REFERÊNCIAS

- AMORIM, M. S. S. de; CARDEL, L. M. S.; SALGADO, B.; SILVA, L. O. da; SANTOS, M. M. J. de; CORREA, F. M. O protagonismo das mulheres do café na agricultura familiar: o caso de Piatã e Abaíra, Chapada Diamantina, BA. *In: ARZAB, C.; MACIEIRA, J. C.; MENEZES, R. S. S.; BALIZA, D. P.; MOURÃO, T. F. Mulheres dos cafés do Brasil*. Brasília: Embrapa Café, 2018. p. 246-265.
- CONAB. **Acompanhamento da safra brasileira de café: primeira estimativa, janeiro 2020**. Disponível em: <https://www.conab.gov.br/info-agro/safras/cafe>. Acesso em: 05 jun. de 2020.
- BALIZA, D. P.; JUNQUEIRA JÚNIOR, J. A.; SILVA, A. P. M. da.; ZENITH, L. A.; PEREIRA, S. P. Perfil das mulheres na cadeia produtiva do café no município de Bom Sucesso – MG. **Revista Gênero**, Niterói, v. 18, n. 1, p. 75-97, jul./dez. 2017. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/revistagenero/article/view/31277/18366>. Acesso em: 18 maio 2020.
- BALIZA, D. P.; ALVES, H. M. R.; PEREIRA, S. P.; ZENITH, L. A.; SILVA, A. P. M. da; SOUZA, S. M. C. de; VOLPATO, M. M. L. Perfil das mulheres na cafeicultura das regiões Oeste de Minas e Campo das Vertentes no Estado de Minas gerais. *In: ARZAB, C.; MACIEIRA, J. C.; MENEZES, R. S. S.; BALIZA, D. P.; MOURÃO, T. F. Mulheres dos cafés do Brasil*. Brasília: Embrapa Café, 2018. p. 137-159.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF, 1988. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm. Acesso em: 17 jun. 2020.
- BRUSCHINI, C.; LOMBARDI, M. R. Instruídas e trabalhadeiras: trabalho feminino no final do século XX. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 17/18, p. 157-196, mar. 2001/02. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/cpa/n17-18/n17a07.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2020.
- CASAGRANDE, L. S.; SOUZA, A. M. F. de L. Para além do gênero: mulheres e homens em engenharias e licenciaturas. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 24, n. 3, p. 825-850, set./dez. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ref/v24n3/1806-9584-ref-24-03-00825.pdf>. Acesso em: 10 mai. 2020.
- CUNHA, M. M. C. Menção Honrosa. *In: WOORTMANN, E. F.; MENASCHE, R.; HEREDIA, B. (org.). Margarida Alves: coletânea sobre estudos rurais e gênero*. Brasília, DF: MDA: NEAD, 2006. p. 24-33. Disponível em: [menasche/woortmann-ellen-fensterseifer-heredia-beatriz-menasche-renata-org-margarida-alves-coletanea-sobre-estudos-rurais-e-genero-brasilia-nead-2006](https://www.menasche-woortmann-ellen-fensterseifer-heredia-beatriz-menasche-renata-org-margarida-alves-coletanea-sobre-estudos-rurais-e-genero-brasilia-nead-2006). Acesso em: 2 out. 2020.
- DAMASCENO, L. D. J. **Empreendedorismo feminino: um estudo das mulheres empreendedoras com modelo proposto por Dornelas**. 2010. 59 p. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Administração de Empresas). Faculdade 7 de Setembro, Fortaleza, 2010.
- FERREIRA, W. P. M.; RIBEIRO, S. M. N. F.; FONSECA, H. P.; MIRANDA, T. V.; DIAS, C. R. G.; GOBETH, N. Perfil das mulheres que atuam no sistema agroindustrial do café no Brasil (fase 1). *In: ARZAB, C.; MACIEIRA, J. C.; MENEZES, R. S. S.; BALIZA, D. P.; MOURÃO, T. F. Mulheres dos cafés do Brasil*. Brasília: Embrapa Café, 2018. p. 23-38.
- FONTENELE, T.; ARZAB, C.; NOGUEIRA, J. Trabalho feminino e maternidade nas lavouras de café: um relato a partir da memória oral de mulheres da agricultura familiar. *In: ARZAB, C.; MACIEIRA, J. C.; MENEZES, R. S. S.; BALIZA, D. P.; MOURÃO, T. F. Mulheres dos cafés do Brasil*, Brasília: Embrapa Café, 2018. p. 40-54.
- HAIR JUNIOR, J. F.; ANDERSON, R. E.; TATHAM, R. L.; BLACK, W. C. **Multivariate data**

analysis. 4 ed. New Jersey: Prentice Hall, 1995.

IBGE. **História e fotos 2010**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/santo-antonio-do-amparo/historico>. Acesso em: 18 jan. 2021.

IBGE. **Censo agropecuário 2017**. Resultados preliminares. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/santo-antonio-do-amparo/pesquisa/24/76693>. Acesso em: 9 jun. 2020.

IBGE. **Censo agropecuário 2006**: Brasil, grandes regiões e unidades da federação: segunda apuração. Rio de Janeiro, 2012. 758 p. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/agropecuaria/censoagro/2006/>. Acesso em: 28 jul. 2019.

MACEDO, G. R.; BINSZTOK, J. Associações dos agricultores familiares, cafeicultura orgânica e comércio justo na Amazônia: dilemas e perspectivas. **Revista Nera**, Presidente Prudente, v. 10, n. 10, p. 37-56, jan./jun. 2007. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/nera/article/view/1422/1400#>. Acesso em: 02 out. 2020.

MEIRA, A. L.; SANTOS, P. R. P.; CONCEIÇÃO JÚNIOR, V.; OLIVEIRA, D. F. de; OLIVEIRA, H. H.; SOUZA, S. E. de. Uma abordagem sobre o papel da mulher na cadeia produtiva do café no município da Barra do Choça – Bahia. *In*: SIMPÓSIO DE PESQUISA DOS CAFÉS DO BRASIL, 8., 2013, Salvador. **Anais [...]**. Brasília: Embrapa Café, 2013.

MENEZES, R. S. S. A sustentabilidade da cafeicultura nas mãos das mulheres. *In*: II CONFERÊNCIA “WOMEN IN THE WORLD OF COFFEE – FOSTERING THE QUIET REVOLUTION”. 2015, Milão. **Anais [...]**. Trieste: [s.n.] 2015.

MENEZES, R. S. S.; BOAVENTURA, Q. S. de. Narrativas de mulheres do café no Cerrado Mineiro: trajetórias comuns? *In*: ARZAB, C.; MACIEIRA, J. C.; MENEZES, R. S. S.; BALIZA, D. P.; MOURÃO, T. F. **Mulheres dos cafés do Brasil**. Brasília: Embrapa Café, 2018. p. 114-134.

NADER, M. B. Núcleos femininos de trabalhadoras de café no Espírito Santo. *In*: ARZAB, C.; MACIEIRA, J. C.; MENEZES, R. S. S.; BALIZA, D. P.; MOURÃO, T. F. **Mulheres dos cafés do Brasil**. Brasília: Embrapa Café, 2018. p. 162-190.

PEREIRA, S. P. **Caracterização de propriedades cafeeiras com relação às boas práticas agrícolas**: aplicação das análises de “Cluster” e discriminante. 2013. 139 p. Tese (Doutorado em Agronomia/Fitotecnia) - Universidade Federal de Lavras, Lavras. 2013.

ROSA, B. T. **Caracterização das boas práticas agrícolas e roteiro metodológico para a certificação da cafeicultura familiar do Sul de Minas**. 2014. 145 p. Dissertação (Mestrado em Tecnologia e Inovações Ambientais) - Universidade Federal de Lavras, Lavras. 2014.

SCOTT, P.; CORDEIRO, R.; MENEZES, M. Um olhar de gênero e de geração nos universos rurais. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 20, n. 2, p. 583-592, mai.-ago. 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2012000200021/22867>. Acesso em: 02 out. 2020.

SILIPRANDI, E. **Mulheres e agroecologia**: transformando o campo, as florestas e as pessoas. 1 ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2015.

SOUZA R. E. M.; VIEGAS L. P. Os múltiplos papéis assumidos pela mulher no campo: a territorialidade das agricultoras familiares do assentamento banco da terra - MT. *In*: V COLÓQUIO DO NÚCLEO DE ESTUDOS EM ESPAÇO E REPRESENTAÇÕES, 2013, Cuiabá. **Anais [...]**.

Cuiabá: Universidade Federal de Mato Grosso, 2013.

TEIXEIRA, Z. A. **Perspectiva de gênero na produção rural.** 1 ed. Brasília: IPEA, 1994.